

CRISTIANISMO & COMUNISMO

UMA COMPARAÇÃO IDEOLÓGICA

PASTOR E PROFESSOR DO
CONCORDIA THEOLOGICAL SEMINARY
RALPH L. MOELLERING



CRISTIANISMO E COMUNISMO

U M A C O M P A R A Ç Ã O I D E O L Á G I C A

RALPH L. MOELLERING



CRISTIANISMO & CMUNISMO &

UMA COMPARAÇÃO IDEOLÓGICA

PASTOR E PROFESSOR DO
CONCORDIA THEOLOGICAL SEMINARY
RALPH L. MOELLERING



Em seu livro *Communism and Christ* [O Comunismo e Cristo]: Charles W. Lowry argumenta que estamos vivendo em uma nova era religiosa. Como evidência ele aponta para o avivamento religioso popular posterior à 2ª Guerra Mundial, ao que ele chama de “um novo sacerdócio” estabelecido pela Psiquiatria, para a influência do pensamento existencial na Filosofia e na Teologia (considere Paul Tillich), e para a “neurose coletiva” gerada pelas crises e ansiedades da nossa era do míssil de hidrogênio. “A prova final e conclusiva” de que entramos em uma nova era religiosa Lowry percebeu na expansão e na ameaça da “nova religião da salvação universal: o Comunismo”. Em sua declaração resumida:

*O Comunismo... somente pode ser compreendido se for visto como uma religião mundial, que não deixa de ter a sua coloração semita, em muitos aspectos formando paralelos e caricaturando o Cristianismo, de forma fortemente dogmática, autoritária e intolerante.*¹

Que a ideologia comunista inclui “declarações de fé” é fato óbvio para qualquer pessoa que seja familiarizada com os seus conceitos básicos, tais como o Materialismo Dialético, a teoria da mais-valia, ou com a “extinção dos estados”. Se ele pode ou não ser adequadamente descrito como uma “fé” é questão controversa. Em um simpósio publicado em 1937, Ernest Barker insistiu que “a fé exige uma certa afirmação de crença em coisas apreendidas, mas invisíveis”. Por entender os comunistas como devotos de um Materialismo Mecanicista que não faz concessões ao sobrenatural, ele os entende como pessoas que rejeitam todas as formas de fé. Na sua réplica, Hamilton Fyfe acusa Barker de limitar indevidamente o significado de fé: “Os comunistas” — ele nos faz lembrar — “têm fé na natureza humana, fé de que o Correto triunfará sobre o Poder”:

*... fé no surgimento da justiça e da camaradagem a partir da confusão e das lutas entre competidores egoístas ferozes, a fé de que a igualdade de oportunidades na vida trará melhores resultados do que as distinções sociais rígidas e imerecidas do nosso presente sistema.*²

* Ralph L. Moellering (1923-2005) foi pastor e professor do Concordia Theological Seminary nos Estados Unidos da América. Tradução para o português por Marcelo Gonçalves. Versão original publicada no Concordia Theological Monthly Volume: 34 Number: 11 in 1963, p. 645-654. Disponível em inglês em <<http://media.ctsfw.edu/Text/ViewDetails/7283>>. Acesso em 05 Dez. 2017.
1 Charles W. Lowry, *Communism and Christ* (Nova York: Morehouse-Gorham, 1952), p.74.
2 H. Wilson Harris, ed., *Christianity and Communism* (Boston: Marshall Jones, 1937), p.4, 5, 10, 11.

Apesar das interpretações diferentes a respeito do Marxismo e do Leninismo, está claro que estamos confrontados com o estranho paradoxo de um movimento assumidamente antirreligioso e que se apropria de muitos traços e características normalmente associados à religião.

Que se trata de um movimento antirreligioso está fora de questão. Já em 1844, Marx cunhou a expressão: “A crítica da religião é o princípio de toda crítica”. A frase “a religião é o ópio do povo” tornou-se uma expressão favorita quando ele se referia à fé dos trabalhadores. No Manifesto de 1848, Marx e Engels conclamaram o proletariado a se livrarem de todos os preconceitos da burguesia, dentre os quais estava a religião. Eles consideravam a religião como poeira lançada aos olhos dos trabalhadores, que distraía a sua atenção da emancipação e dos objetivos materiais. A religião — diziam eles — ensina as massas operárias a se submeterem à opressão capitalista, mitigando os seus sofrimentos com a promessa de uma vida futura melhor no céu. Por isso, Engels aconselhava que a literatura ateia do século XVIII fosse disseminada entre as massas. Ele criticou severamente Duehring porque a sua aceitação do Materialismo não foi suficientemente abrangente e continuou deixando brechas pelas quais a religião poderia reconquistar o seu apoio.

Lenin reiterou expressões quase que idênticas às usadas por Marx e Engels, convocando homens para o “assalto ao céu”. A religião lhe tinha sido entranhada como parte da sua disciplina infantil. Em resposta a um questionário bolchevique que perguntava se ele havia deixado de crer em Deus, a sua resposta foi: “Com dezesseis anos de idade”. Um dos seus companheiros, durante os seus primeiros anos de revolucionário, descreveu a emancipação de Lênin das fantasias religiosas:

Quando ele percebeu que Deus não existia, ele arrancou violentamente o crucifixo do seu pescoço, cuspiu nele com desprezo, e lançou-o fora. Subitamente, ele se libertou dos preconceitos religiosos de um modo típico dos revolucionários leninistas, sem maiores hesitações ou tímidas considerações, sem luta mental com o espírito da dúvida.³

Em cartas escritas para A. M. Gorky em 1913, Lênin definiu Deus como “um complexo de ideias engendradas pela ignorância da humanidade”, a qual impedia a luta de classes”. Opondo-se a qualquer concessão à religião, ele afirmava que

³ Citado por David Shub, Lenin (Nova York: Doubleday & Co., 1961, p.

“toda construção de um deus é a adoração autocontemplativa de um Filistinismo sombrio e frágil”. Mesmo a mais refinada e bem intencionada menção a Deus se transforma em justificativa para a reação. “Ela [religião] sempre prendeu as classes oprimidas pela fé na divindade à submissão aos seus opressores”⁴ (grifo do autor). Desaconselhando o uso do termo “Deus” em qualquer conexão, Lênin propôs que um jornal fosse publicado para a propagação sistemática do Ateísmo.

À medida que a ideologia comunista ia sendo moldada por Marx e Engels, houve um despertar científico ao longo de todo o mundo ocidental. Um período que marcou época foi 1859, quando Charles Darwin publicou a sua obra *A Origem das Espécies*. Pelo que se sabe de muitos homens da igreja, a teoria da evolução e o Comunismo ateu foram males gêmeos gerados pelo mesmo demônio. No conflito posterior entre Ciência e Religião, os marxistas alegavam estar na vanguarda daqueles que buscavam o progresso humano por meio de descobertas científicas, ao passo que as igrejas eram caricaturadas como cidadelas de obscurantismo e ignorância. O Comunismo, na mente dos seus proponentes, era equiparado ao Iluminismo científico. As descobertas da ciência moderna, supostamente, eliminavam toda forma de confiança em fatores sobrenaturais e acabariam resolvendo todos os mistérios.

Um panfleto posto em circulação pelos oponentes da igreja em Berlim Oriental asseverava que o Comunismo e a religião eram “tão irreconciliáveis como a liberdade e a escravidão, a verdade e as mentiras, a luz e as trevas”. De Viena veio a revelação de que a indústria cinematográfica da Tchecoslováquia — controlada pelos comunistas — tinha por objetivo fazer filmes de “ciência” antirreligiosa sobre os Santuários Católico-romanos de Lourdes e Fátima. Quadros ateus foram projetados para ajudar as crianças tchecas em idade escolar a se livrarem “dos remanescentes das concepções capitalistas acerca do sobrenatural”. A edição de 1953 do dicionário da língua russa publicada em Moscou continha novas definições que chamavam a expressão “pelo amor de Deus!” obsoleta, e comentava que a “Segunda Vinda” era um coloquialismo jocoso que se referia a “um evento que jamais ocorrerá”.⁵

⁴ Lenin, *Religion* (Nova York: Little Lenin Library, International Publishers), p. 41-46.

⁵ *Newsweek*, 30 de novembro de 1953.

Parte dos preparativos para a Jugendweihe (Dedicação da Juventude) na Alemanha Oriental é a insinuação de que o Cristianismo é cientificamente fora de moda. Junto com a torrente de ameaças contra a Igreja no fim de 1957 estava a afirmação do Secretário de Estado da Educação: “Não pode haver qualquer coexistência pacífica entre ciência e fé”. O Ateísmo e a superioridade científica eram apresentados como ingredientes inseparáveis da nova ordem. A salvação por meio da Ciência era proclamada como uma substituta para as crenças tradicionais que não eram mais sustentáveis.⁶

Todavia, mesmo depois de 45 anos de propaganda antirreligiosa na Rússia, as antigas crenças ainda não foram extintas. Mesmo pessoas “cientificamente treinadas” nem sempre se impressionam com a lógica “irresistível” de uma cosmovisão secularista. V. G. Yeliseyev expressou o seu incômodo com a religiosidade persistente entre os intelectuais em um artigo intitulado “O Papel do Médico no Ateísmo Científico”:

O problema do treinamento ateu e... filosófico do futuro médico é, hoje, particularmente importante. Pois até mesmo em algumas das instituições da nossa capital existem no meio das nossas equipes pessoas que pertencem a organizações religiosas. Isto significa que a propagação do Ateísmo precisa ser reforçada de todas as formas.⁷

A atual liderança da União Soviética não se desviou da linha leninista-stalinista que defende a incompatibilidade do Iluminismo científico com a ignorância religiosa. Durante uma visita de um grupo de notáveis franceses a Moscou, em 1955, Nikita Khrushchev foi citado como tendo dito que

O Comunismo não modificou a sua atitude de oposição à religião. Estamos fazendo tudo o que podemos para eliminar o poder enfeitiçador do ópio das religiões.⁸

Em outra ocasião, o chefe do Kremlin expressou as suas posições pessoais:

6 Cf. Ibid., 18 de novembro de 1957.

7 The Soviet Review, Novembro de 1961, p.47.

8 Citado por George W. Cronyn, A Primer on Communism (Nova York: E. P. Dutton & Co., 1961), p. 80.

Penso que Deus não existe. Eu me livrei há muito tempo deste tipo de conceito. Eu sou partidário de um ponto de vista científico, e a Ciência e a fé em forças sobrenaturais são opiniões irreconciliáveis que se excluem, necessariamente, uma à outra... 9

Já houve quem dissesse que o Comunismo é “a religião às avessas”. Apesar do seu Ateísmo contundente, o Comunismo — como uma forma totalitária de vida que exige um compromisso absoluto do indivíduo à causa que ele representa —, apela para os instintos religiosos da humanidade. Para contra-atacar a influência da Igreja Luterana na Alemanha Oriental, o regime comunista desenvolveu cerimônias substitutas para os ritos cristãos do Batismo e da Confirmação, casamento e sepultamento. Com tanta ênfase na propaganda ateia, acabamos por nos deparar com o impressionante espetáculo do que parece ser uma contradição em termos: uma “Teologia do Ateísmo”.

Desde os seus primórdios, o Comunismo moderno tem sido consistente no seu repúdio à fé cristã. Os comunistas norte-americanos, com frequência, também exibem o seu desprezo por todas as formas de religião. William Z. Foster, certa vez, admitiu que os trabalhadores que retinham um certo escrúpulo religioso não eram barrados da membresia no partido, mas ele explicava que esta era somente uma concessão temporária, e que todo comunista “deveria, necessariamente, estar no processo de liquidar as suas crenças religiosas”.¹⁰ Todavia, Earl Browder, que foi durante muitos anos o secretário geral do Partido Comunista dos Estados Unidos, às vezes, passava a impressão de “pegar leve” na sua crítica às igrejas [Início da Era da Doutrina de Gramsci]. Durante a década de 1930 e no início da década de 1940, quando passou a fazer parte da estratégia comunista ocultar os seus objetivos por trás da aparência respeitável das “frentes unidas” e “desmontar a partir de dentro,” Browder parecia dar a mão e oferecer comunhão e cooperação aos adeptos das igrejas, sugerindo que não havia nada intrínseco ao Comunismo que fosse contrário aos ensinamentos cristãos. Estes foram os anos em que alguns clérigos e professores de Teologia foram tentados a encontrar algumas afinidades entre as aspirações comunistas e os ideais cristãos, e subestimar ou ignorar a conspiração comunista.

9 A Christian's Handbook on Communism (Nova York: published for the Committee on Literacy and Christian Literature of the National Council of Churches of Christ in the U. S. A., 149, p. 50.

10 Cf. testemunho dado diante do Comitê de Pesca, House Report No.2, Seventy-ninth Congress, First session.

Um dos exemplos mais espantosos deste esforço para misturar as ideologias comunista e cristã pode ser encontrado na carreira do instável Claude Williams, que, em revolta contra o seu passado fundamentalista, abraçou conceitos políticos e religiosos extremamente radicais. Por fim, ele acabou se transformando no famigerado líder do Instituto Popular de Religião Aplicada em Detroit. As suas aberrações doutrinárias e inconformismo persistente lhe renderam uma má reputação e provocaram a sua demissão do ministério da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Williams, aparentemente, considerava Karl Marx como o Messias do século XIX — uma encarnação dos últimos dias dos propósitos divinos para a nova era industrial. Mas, como ele tentava reconciliar a religião bíblica com o pensamento marxista? De acordo com o Marxismo clássico, ele defendia que a religião institucionalizada era controlada pelo sistema econômico dominante. O Catolicismo Romano surgiu para servir de apoio para o Feudalismo medieval. Eis a sua explicação para o surgimento do Protestantismo: A religião da Igreja Protestante passou a existir para reforçar o surgimento do Capitalismo. Ela proclamava o direito divino à propriedade. Ela deificava os reis das finanças, os senhores do comércio e os capitães da indústria. Hoje, esta forma de igreja religiosa é dirigida por controle remoto a partir da Câmara de Comércio, da Associação Nacional de Fabricantes e pelos escritórios de imperialistas de cartéis.

Williams atribuía a falha do Protestantismo à “Teologia Cristocêntrica de Paulo,” que deve receber a culpa pela corrupção do “movimento popular” original lançado por Jesus: [Este corruptor do Cristianismo] fez surgir um “evangelho” da sua própria mente (Rm 2:16), por meio do qual ele destruiu sindicatos (Atos 19:24-41) e serviu a todos o ópio do contentamento (1 Tm 6: 6-15); fez com que escravos retornassem aos seus mestres (Filemon) ordenando-lhes a obedecerem (Ef 6:5; Tito 2:9, 10); declarou que os poderes fascistas de Roma foram ordenados por Deus, exigindo que o povo fosse sujeitado a eles (Rm 13:1-5); chauvinismo da pregação masculina (Efésios 4:11-14) ao não permitir que as mulheres ensinem, nem mesmo falassem em público (cf. 1 Tm 2: 11.19; 1 Coríntios 14:34,35).

Todo o Protestantismo, declarou Williams, havia sido enlameado pela doutrina paulina, salvo “umas gotas do liberalismo Unitarista e a cultura ética”. Segundo o seu ponto de vista, o senso comum negava o sobrenatural, o qual ele descartava como “uma invenção não escriturística da Teologia”. Com a sua definição, Deus

se transformou em um “Símbolo da Luta pela Liberdade, Segurança e Fraternidade”. O pecado era igualado ao ultraindividualismo; a salvação ao “esforço coletivo dos trabalhadores e outras vítimas do sistema desse mundo para se salvarem dos opressores”.

Williams visualizada Jesus como uma figura heroica, “um líder com consciência de classe” que encabeçou um movimento revolucionário contra a “Roma fascista”. Os últimos acontecimentos da vida de Jesus foram resumidos por Williams dessa forma:

O Galileu começou a organizar os oprimidos do mundo todo contra Roma (Mt 11:28-30). Ele foi seguido e incriminado por fantoches do Império Romano (Lucas 10:20). Certa noite, antes de ser linchado, ele chamou para uma reunião secreta (Lucas 22: 1-12). Ali ele expôs a natureza do movimento popular (Lucas 22:25-27), o perigo dos traidores (João 13: 38), a natureza dos da oposição (João 15:12-20)... Ele alertou contra o individualismo. Ele enfatizou o poder da unidade (João 15:4-7). Bem cedo, na manhã seguinte ele foi condenado por espões religiosos e crucificado por uma Gestapo gentia (Mt 20:18,19).¹¹

Mas, será que as ideologias Comunista e Cristã são mesmo compatíveis? Somente se podermos ser induzidos a subscrever as distorções bizarras de um Claude Williams, o que poucos cristãos estão dispostos a fazer; ou, se os comunistas da nossa época estivessem preparados a revisar os seus dogmas e olhar novamente as reivindicações do Cristianismo — uma disposição mental que nem Mao Tse-tung, nem Khrushchev parecem ter.

Pelo contrário, o Comunismo e o Cristianismo parecem estar competindo um contra o outro como crenças rivais em busca da lealdade da humanidade. Os comentaristas cristãos costumam explicar o Comunismo como uma heresia judeu-cristã. Esta abordagem pode não ser completamente adequada, mas ela nos ajuda a entender a dinâmica interna do movimento Comunista. Uma breve comparação das duas “religiões” pode ser útil.

Tanto o Cristianismo, quanto o Comunismo defendem que existe um propósito supremo na História, que este objetivo final será indubitavelmente cumprido,

¹¹ Citado por Ralph Lord Roy, *Communism and the Churches* (Nova York: Harcourt, Brace & Co., 1960), p. 274, 275.

que o homem tem um papel importante a desempenhar ao levar tudo à consumação vitoriosa, que todas as ocorrências e todos os esforços, à medida que movem a história em direção ao seu término irresistível, “cooperam juntos para o bem”. A teoria marxista percebe o movimento da história não como um ciclo interminável, mas como uma espiral ascendente, do simples para o complexo, e das formas mais primitivas, às formas mais complexas de vida. Os cursos básicos nas escolas marxianas da China Comunista, hoje em dia, identificam o desenvolvimento da sociedade por meio de quatro épocas do Comunismo primitivo, a escravidão, o feudalismo e o capitalismo industrial até o socialismo, o precursor do Comunismo autêntico.

O conceito de Deus é substituído pelos comunistas pela Dialética. O processo de criação, sustentação e ordenamento é representado pela tensão que persiste entre todas as forças e ideias existentes no Universo. A Dialética que tudo abrange, tudo absorve tem os “atributos divinos” da onipotência, onisciência e onipresença.

Todavia, à medida que o homem aumenta o seu conhecimento científico, ele participa no processo dialético e se torna o “Deus” dele e do Universo. O homem perfeito comunista do futuro poderia ser descrito como a encarnação da ciência abstrata e da lei natural. Este é o “Cristo” cujo advento os comunistas aguardam ansiosamente. As abstrações da teoria comunista podem ser compreendidas concretamente em termos de uma “trindade”. O poder criativo, o embate e o conflito inerentes à Dialética (“Deus-Pai”), explode na revolução; Marx ou Lênin, ou outro tipo de sucessor é a figura Messiânica; e o partido comunista é o “Espírito Santo” — a “divina presença” a quem cabe a reverência e pronta obediência dos “crentes”.

O movimento comunista poderia ser descrito como sendo controlado por uma “hierarquia eclesiástica”. Os “profetas” reverenciados são aqueles cujas visões especiais captaram o real significado das mudanças econômicas e sociais dos dois últimos séculos e que têm passado um duro juízo às fraquezas de uma sociedade decadente. Antevendo os “efeitos” de todos os possíveis cursos de ação, estes videntes perspicazes são capazes de prescrever as melhores soluções para todos os problemas políticos e econômicos. Dentre eles, devemos incluir Marx, Engels, os Bolcheviques, o Partido Comunista, e Lênin. O líder e os seus companheiros do

Krêmlin são comparáveis a um Papa “infalível” rodeado pelos seus conselheiros. (Em 1963, Mao Tse-tung, com o seu autoritarismo inflexível poderia se encaixar nesta descrição melhor do que Khrushchev, o qual denunciou “o culto à personalidade” e que parece considerá-lo necessário para responder às pressões dos militares, as exigências da população por mais bens de consumo, ou clamor dos intelectuais por mais liberdade de expressão). Independentemente de como avaliamos as atuais estruturas de poder nos países comunistas, não é exagero dizer que uma autoridade ditatorial é exercida. Ao líder número um e seu “colegiado de cardeais” — a elite política, a polícia secreta, os chefes do Exército Vermelho, os mestres e técnicos — pertence a prerrogativa de reinterpretar o Marxismo-Leninismo, definir a verdade, e pronunciar novos dogmas.

Outros paralelos entre a religião cristã e a “religião” comunista ficam imediatamente implícitos. Aqueles homens tidos em alta estima, sim, até mesmo deificados, pelos seus feios magníficos e autossacrifício, como Marx e Lênin, tornam-se santos, ou até semideuses. Os elogios feitos em 1927, no funeral de Charles E. Ruthenberg, secretário geral do partido comunista americano, foram quase que equivalentes à canonização de um santo na Igreja Romana. Até mesmo as suas palavras no leito de morte, por mais que possam ser apócrifas, foram citadas para curar o faccionalismo e as disputas que tinham inibido o crescimento e a influência do Comunismo nos Estados Unidos: “Diga aos camaradas para preencherem os cargos e construïrem o Partido”.¹² Ritos especiais e procissões são conduzidos regularmente em santuários erigidos em honra de figuras até mesmo menores que morreram em atividades valorosas. Bandeiras comunistas e coroas de flores são colocadas ao redor de imagens (ícones) ou estátuas de “santos” comunistas.

Os comunistas sempre tiveram critérios para fazer a distinção entre ortodoxia e heresia. Entre os “hereges” devem ser incluídos os Mencheviques, Trotskistas, Socialistas, Titoístas — qualquer pessoa dentro das fileiras comunistas que se desviou da interpretação oficialmente aprovada. A igreja medieval fazia uso das torturas da Inquisição e [...] queimava os hereges em fogueiras. Os comunistas desenvolveram novas técnicas para interrogatórios efetivos e “lavagem cerebral”. Julgamentos, excomunhões, exílio e execução são as penalidades aplicadas aos “desviados impenitentes”.

¹² Irving Howe and Lewis Coser, *The American Communist Party, A Critical History (1919 a 1957)* (Boston: Beacon, 1957), p.144.

Espera-se que os novos convertidos se “arrependam” da sua ligação anterior aos pecados do Capitalismo, ou da sua afiliação a igrejas “reacionárias”. Para demonstrar a sua sinceridade, um novo recruta deveria repudiar publicamente a falsa fé de cujas ilusões ele foi emancipado pela “verdade” comunista. Eles precisam prometer render a sua vida sem qualquer tipo de reserva para a causa comunista. Depois dos ritos iniciatórios eles precisam aprender o “catecismo” comunista. A confissão regular é exigida no grupo da célula local, onde uma espécie de “aconselhamento de grupo” lhes ajuda a crescer na sua estatura comunista.

Todos os meios de comunicação em massa são utilizados para proclamar o “evangelho” segundo Marx e Lênin. Numa época em que a inflação elevou o preço dos impressos às alturas, a literatura comunista é vendida quase de graça. Em regiões consideradas maduras para a revolução, o rádio, a imprensa, o cinema e a colportagem para pregar as doutrinas do Comunismo. Por mais estranho que possa parecer, os ateus se tornaram “evangelistas” motivados por um senso apurado de missão para trazer a paz e prosperidade para a humanidade. Porém, infelizmente, o fanatismo comunista parece estar superando os empreendimentos missionários cristãos em muitas partes do mundo.

Outra similaridade marcante entre o Comunismo e o Cristianismo vem do entendimento que eles têm da queda e da recuperação do homem. No Reino de Deus sobre a terra do Protestantismo Liberal e em certas versões sectárias do Milênio parece haver quase uma identificação com a Utopia Comunista, salvo porque alguns cristãos atribuem a sua implementação à atividade de Deus por meio dos homens, ou mesmo sua intervenção direta em eventos cataclísmicos, ao passo que os Comunistas atribuem a transformação à consequência inevitável da Dialética da História acelerada pela agitação comunista.

Originalmente, Marx e Engels parecem ter dedicado pouca atenção a ideias de um Paraíso primevo. Gradualmente, entretanto, eles começaram a imaginar uma espécie de Jardim do Éden do qual o homem havia decaído por meio da introdução da propriedade privada e ao qual o homem haveria de retornar quando o fruto proibido tivesse sido abolido. Entre a inocência do passado e a perfeição do futuro, a humanidade foi enredada na avareza malevolente e no conflito de interesses opostos. A Dialética irresistível da história está se movendo em direção da emancipação dos escravos do salário, assim como ela já promoveu a eliminação

da escravidão e da servidão. Na plenitude do tempo, a ditadura do proletariado emergirá e iniciará a dissolução da velha ordem e preparará o caminho para a formação da comunidade sem classes, a negação de todas as negações. Ao rejeitar qualquer sugestão de teleologia (finalidade) divina, os marxistas parecem estar dizendo que ao longo de todas as eras o mundo material inconsciente tem progredido em direção à perfeita consumação!

Pouco mais do que indícios são apresentados pelo Manifesto quanto ao que substituirá a velha sociedade burguesa quando o Comunismo se tornar realidade. Os antagonismos de classe, é mencionado, superado por “uma associação, na qual o livre desenvolvimento e cada um será a condição para o livre desenvolvimento de todos”. Na sua crítica ao Programa Gotha, Marx previu que na “fase superior do Comunismo” todos trabalhariam voluntariamente segundo as suas habilidades, que haveria um tremendo aumento da produtividade e da renda social, que não haveria discriminação entre trabalhadores manuais e intelectuais, e que todos partilhariam da abundância de acordo com as suas necessidades. A similaridade entre estes prognósticos e as conjecturas idealizadas compartilhadas pelos socialistas utópicos e cristãos sectários é óbvia.

Para sondarmos mais a fundo a ideologia comunista e entendê-la com relação ao Cristianismo, pode-nos ser útil concentrarmos a atenção em outros aspectos específicos da visão cristã e marxista do homem.

O Protestantismo original do século XVI, como bem apontou Paul Tillich, desprezava toda antropologia explícita em função do seu repúdio os problemas especulativos da Teologia em geral. Quanto ao problema da Teologia contemporânea: “O protesto de Barth contra os remanescentes da velha antropologia eclesiástica em Bultmann é, provavelmente, a mais aguda expressão da hostilidade do Protestantismo radical à antropologia”.¹³ A causa fundamental do repúdio Luterano-calvinista-barthiano à antropologia pode ser encontrada na Doutrina da Justificação pela graça somente por meio da fé, sem espaço para um donum superadditum como sendo de posse do homem.

Portanto, pode-se afirmar que existe, tanto no Marxismo, como no Protestantismo

¹³ Um estudo mimeografado preparado para o Conselho Cristão Universal para a Vida e Trabalho em 1935, 2ª edição (Harvard University, 1959), p. 3.

clássico um protesto fundamental contra uma antropologia elaborada. Nos dois casos, a razão é uma avaliação radicalmente negativa da existência presente, que, no Protestantismo é derivada de uma antítese entre Deus e o homem, e no Marxismo ocorre a partir de um vazio entre as condições predominantes em uma sociedade inepta e a sociedade ideal que precisa ser reivindicada. Tolerar e expor alguma forma de antropologia seria mediar e oferecer relativa justificação para uma existência que é contrária à verdadeira essência do homem.

Todavia, podemos falar de uma antropologia comunista, especialmente na forma como ela é encontrada nos primeiros escritos de Karl Marx, e podemos esboçar os paralelos, ou distinções, a partir do entendimento cristão do homem. Tanto o Cristianismo, como o Marxismo pressupõem uma perfeição original da natureza humana. Gênesis descreve a bondade da criação e a inocência da vida no Jardim do Éden. Mesmo negando que qualquer operação divina estava envolvida, o Marxismo assume uma integridade pré-histórica primeva da sociedade. O relato de Gênesis assevera que ao homem foi atribuído um papel predominante entre todas as criaturas da terra, só que a qualidade distinta do homem é a consciência acerca de Deus e do seu relacionamento com Ele. Para o Marxismo, as características distintas do homem que determinam a sua liberdade, em contraste com a natureza não humana, são encontradas nos seus atos de autoprodução por meio da inteligência e força física de trabalho. “A única natureza com a qual o homem está preocupado é a natureza apropriada, humanizada pelo trabalho”.

Tanto o Cristianismo, com o Marxismo projetam a ideia de uma transição do estado original de perfeição, para um de contradição. No relato de Gênesis, a Queda do Homem foi precipitada por um ato afoito de desobediência deliberada em desafio à soberania de Deus. No Marxismo, a Queda é explicada como a consequência da bifurcação social. A exploração das classes mais baixas pelas classes superiores se torna a transgressão fundamental que arruinou a ordem original.

Como já vimos, existe uma similaridade entre o Cristianismo e o Marxismo no sentido em que ambos creem que estão presentemente engajados na superação da alienação do homem — o estado de contradição no qual ele se encontra — muito embora o auge vitorioso ainda não tenha sido alcançado. No Antigo Testamento, a esperança do cumprimento dos propósitos de Deus e da redenção

de um mundo tumultuado estava intimamente relacionada ao destino de Israel, retratado como o Povo Escolhido de Deus. No Novo Testamento, a comunidade cristã de fé tem o instrumento de Deus para a correção do mal e é a portadora das boas novas da salvação. No Marxismo, o proletariado precisa cumprir a sua missão histórica e se erguer em fervor revolucionário para reconstruir a sociedade e resgatar o homem da sua condição perturbadora de alienação. A confiança cristã nas promessas de Deus proclama a invencibilidade da igreja de Jesus Cristo (“As portas do inferno não prevalecerão contra ela”). Todavia os fiéis são conclamados a exercerem eles mesmos a expansão da influência e o escopo do reino de Deus. Já no campo comunista, apesar da convicção de que a dissolução da sociedade capitalista é inevitável, os camaradas estão mobilizados para a luta e para o engajamento em sabotagem e intrigas para acelerar o colapso do seu inimigo. De modo que, existe uma certa “hesitação entre uma passividade crédula e uma atividade crítica tanto no Cristianismo, quanto no movimento marxista”.

Tanto os cristãos, como os comunistas olham para o cumprimento futuro das suas esperanças. A expectativa suprema é que a natureza verdadeira do homem será restaurada a um estado de perfeição e contentamento. O objetivo dos dois é a restauração da integridade original que se acredita ser indispensável para a conquista da condição ideal do homem. No Cristianismo, bem como no Marxismo, a realização do destino legítimo do indivíduo está intimamente ligada à salvação de outras pessoas. No Novo Testamento, temos alusões apocalípticas a uma catástrofe final (por exemplo, “mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão” 2 Pedro 3: 10 ARC) que antecederá a Parúsia (2ª Vinda) e a formação de um novo céu e uma nova terra. O Comunismo, especialmente na sua forma Leninista-Estalinista, prega a necessidade de levantes sangrentos e de revoluções proletárias que abalarão a terra como eventos preliminares à implementação das teorias marxistas acerca da boa sociedade. (Nikita Khrushchev às vezes indica que ele modificou este aspecto do Leninismo.)

Estas são as afinidades entre as antropologias marxista e cristã. Porém, existem também contradições.

Quanto a concepções do estado primevo, os escritos comunistas o entendem

como pré-histórico e empírico. No relato bíblico da criação, Deus age antes de uma existência independente do homem. Para Marx, a criação é sinônimo da história humana, na qual o homem produz a si mesmo e à sua natureza. O cristão concebe a si mesmo como sendo criado à imagem e semelhança de Deus. Já, na concepção comunista, o homem é quem cria Deus à sua imagem e semelhança.

Uma diferença gritante entre Comunismo e Cristianismo se torna aparente quando consideramos o objetivo final do homem. No Cristianismo, até mesmo a Igreja de Jesus Cristo na terra provê somente um cumprimento parcial do potencial do homem. O cumprimento total vai além da existência espaço-temporal, e a morte se torna a porta de entrada para uma vida sem fim ao lado de Deus. Os marxistas precisam se enganar psicologicamente a si mesmos acerca do significado da morte. Eles não conseguem perceber nenhuma realidade profunda além do túmulo. Para eles, todas as esperanças do homem, estão restritas a esta vida terrena, e a morte, supostamente, é o fim de tudo para o indivíduo. O Cristianismo é capaz de afirmar o triunfo em meio à adversidade, tanto para o indivíduo, como para a comunidade de crentes. É comum o Comunismo sacrificar o indivíduo de forma brutal e cruel, para proporcionar o advento de uma nova era. Apegando-se a trágicas ilusões acerca da natureza do homem e do destino da humanidade, o Comunismo tende a gerar frutos amargos de ódio de classes, a total liquidação de elementos divergentes, e a imposição de um tipo de arregimentação nos moldes de estado policial que aleija as possibilidades de liberdade pessoal.

Podemos concluir esta comparação das duas ideologias citando a análise perspicaz de Reinhold Niebuhr:

Este mal é um esquema pretencioso de salvação do mundo, um apocalipse religioso secularizado, que dividiu tolamente o mundo entre classes e nações boas e más, prediz o triunfo final das hostes da justiça contra as da injustiça, e destina uma classe, o “proletariado,” a se tornar a mestra de todo o processo histórico, ao dar “o salto do reino da necessidade para o reino da liberdade”. Se esse apocalipse religioso absurdo vier a ser implementado em larga escala, e controlar os destinos de todas as nações, a humanidade não enfrentará somente um governo totalitário, mas um esforço perigoso para se impor todas forças e vitalidades, as esperanças e aspirações de muitas nações, as aspirações culturais e éticas de indivíduos sensíveis dentro do modelo restritivo e confinador do seu esquema de salvação do mundo. Em suma, o perigo comunista é muito mais grave e sério do que supomos que ele seja quando o definimos meramente como despotismo.¹⁶

